

A IMPORTÂNCIA DAS CULTURAS PRÓPRIAS PARA OS POVOS INDÍGENAS ARARA E GAVIÃO DE RONDÔNIA

Jania Maria de Paula¹

Resumo

Este trabalho apresenta parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, em 2008. Analisou a importância que os povos Arara e Gavião de Rondônia, dispensam à preservação de suas culturas próprias, suas relações com o ambiente, a busca pela autonomia e reconhecimento enquanto sociedade etnicamente diferenciada. A metodologia utilizada foi a história oral, fundamentada em Meihy (2005). Analisou-se as histórias de vida de quatro professores de cada etnia, e duas de suas lideranças tradicionais. Ao tempo em que demonstravam desejo de terem seus modos de vida preservados, os entrevistados deixavam clara a necessidade de acessarem e dominarem técnicas e saberes da sociedade envolvente como condição para estabelecer uma relação mais igualitária entre si. Os entrevistados são militantes da questão indígena e buscam reconhecimento como sociedades etnicamente diferenciadas. A pesquisa considerou as entrevistas a partir das categorias de análises discutidas no referencial teórico-metodológico, priorizando as questões que se apresentaram como preocupantes aos narradores, procurando entender, neste universo, como a Escola contribui para uma vivência tranquila dos povos em território próprio. Este trabalho apresenta somente análises referentes à seguridade das culturas próprias das etnias envolvidas.

Palavras chaves: Cultura. Amazônia. Indígenas. Escola.

¹ Mestre em Geografia – Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.
E-mail: Jania.maria@ifro.edu.br

Resumen

Este trabajo presenta parte de la investigación desarrollada en el Programa Máster en Geografía de la Universidad Federal de Rondonia, en 2008. Analizó la importancia que los pueblos Arara y Gavião dedican a la preservación de sus culturas, sus relaciones con el medio ambiente, la búsqueda por la autonomía y reconocimiento como sociedad étnicamente distinta. El método empleado fue la historia oral, basada en Meih(2005). Además, observó las historias de vida de cuatro maestros de cada etnia, y dos de sus liderazgos tradicionales. En el momento en que mostró deseo por la preservación de sus costumbres, los encuestados mostraron la necesidad de acceso y dominio de las técnicas y conocimiento de su entorno como condición para establecer una relación más igualitaria entre ellos. Los encuestados son activistas en las cuestiones indígenas y buscan su reconocimiento como sociedades étnicamente diferenciadas. El estudio incluyó entrevistas con personas de las categorías de análisis propuestas en el marco teórico y metodológico, dando prioridad a las cuestiones planteadas como motivo de preocupación para los narradores, tratando de entender, en este universo, como la escuela contribuye a un pueblo pacífico que vive en su propia tierra. En este trabajo se presenta el análisis relacionado únicamente a la seguridad de las culturas de los grupos étnicos involucrados.

Palabras clave: cultura. Amazonia. Indígena. Escuela.

Apresentação

O presente trabalho foi desenvolvido junto aos povos Arara e Gavião ocupantes da Terra Indígena Igarapé Lourdes, no município de Ji-Paraná/RO, sul da Amazônia brasileira. Teve como objetivo analisar suas relações com a sociedade envolvente, com o ambiente, com o território próprio através de suas histórias de vida bem como a representação e atuação da Escola junto a essas comunidades, a importância que dispensam à preservação de suas culturas próprias e a busca pela autonomia e reconhecimento enquanto sociedade etnicamente diferenciada, frente as suas inserções na modernidade (tardia).

Ao mesmo tempo em que demonstravam desejo de terem seus modos de vida preservados, os entrevistados deixavam clara a necessidade de acessarem e dominarem técnicas e saberes da sociedade envolvente como condição a estabelecer relação (de

poder) mais igualitária entre ambos. Todos os professores e lideranças que nos cederam entrevistas são militantes na questão indígena que busca o reconhecimento destes povos como sociedades etnicamente diferenciadas, a garantia de direitos das minorias raciais e a conquista da autonomia própria. Querem fazer parte da sociedade globalizada, tendo a diferença como passaporte de entrada. São, porém, desejos que se manifestam em discursos ora claros, ora contraditórios; suas defesas se apresentam ora tranquilas e, ora repletas de incertezas e angústias.

Confirmava-se a hipótese que supúnhamos: ser papel preponderante da escola indígena, ir além do ensino formal e contribuir para a permanência dos membros de cada comunidade, produzindo e vivendo de maneira saudável em ambiente próprio. Porém, pelos relatos, nossos colaboradores esperam dela também contribuições que assegurem o respeito e reconhecimento da sociedade envolvente pelas suas identidades culturais próprias.

Os Povos Arara e Gavião na Terra Indígena Igarapé Lourdes

A Terra Indígena Igarapé Lourdes, habitada pelas etnias Arara (Karo) e Gavião (*Ikólóéhj*) foi demarcada em 1977 e homologada pelo Decreto número 88.609 em 09 de agosto de 1983.

Atualmente encontra-se ocupada por uma população de 804 pessoas² distribuída em diversas aldeias e que espacialmente se organizam separadas ou sob conjuntos compostos por uma aldeia central com ramificações de aldeias menores formando pequenos grupos familiares, ou mesmo uma única família, dependentes da aldeia central para terem acesso aos serviços oferecidos pelo Poder Público.

A Terra Indígena Igarapé Lourdes constitui para o povo Arara, parte de seu território original, visto que o entorno imediato, território tradicional de perambulação do grupo, ficou fora dos limites de demarcação. Para o povo Gavião, a reserva constitui seu território próprio assegurando-lhe a ocupação e de suas gerações futuras. Seu território original, o noroeste do Estado do Mato Grosso (LOVALD e FORSETH, 1988), foi ocupado por outro povo em virtude de conflitos tribais e posteriormente ocupado por não-indígenas e transformado em latifúndio.

² Fonte: CASAI/FUNASA – jul./2007.

As Entrevistas

A metodologia que conduziu a pesquisa de campo foi a história oral, fundamentada nos conceitos de José Carlos S.B. Meihy com a opção para o gênero da história oral de vida sob forma de narrativas com a técnica desenvolvida pelo mesmo pesquisador, estruturada em três etapas de trabalho: transcrição, textualização e transcrição. As fases são sequenciais, sendo a última, o resultado final do trabalho. A pesquisa de campo aconteceu no segundo semestre de 2007.

O projeto foi desenvolvido com colaboradores das aldeias *I'Târap* e *Paygap* do povo Arara e as aldeias *Ikólóéhj*, Castanheira e Telerom do povo Gavião, contando com quatro professores indígenas e uma liderança tradicional de cada etnia.

O conjunto das entrevistas assegurou diversas possibilidades de análise. Ainda que registrassem histórias e memórias coletivizadas, trouxeram em seu bojo, concepções que mereceriam maior atenção de nossa parte. Porém, nos detivemos apenas aos tópicos oriundos dos objetivos do projeto e nas preocupações que se apresentaram como as mais recorrentes na fala dos colaboradores, discutidas a partir das categorias de análise escolhidas.

Os temas comuns encontrados nas narrativas e analisados na pesquisa foram a manutenção das culturas próprias, relação com a natureza, conquista da autonomia, da diferença e da identidade, a seguridade da Terra Indígena e necessidade de garantir a sustentabilidade econômica aos grupos em território próprio, perpassando-os pela importância e representatividade da escola, tanto para o povo Arara quanto para o povo Gavião. Neste artigo trataremos apenas a cultura.

A Cultura

A possibilidade de continuar vivendo sob padrões culturais próprios e estabelecer relação de convívio com a sociedade do entorno e demais etnias indígenas apresenta-se como horizonte para os povos Arara e Gavião; porém, permeado por concepções de distanciamento ou embate na conquista de reconhecimento étnico-cultural. As narrativas dos professores deixam claro que a relação interétnica simétrica é um exercício de prática e conquista.

Os professores compreendem que as culturas Arara e Gavião são, neste momento, os resultados das relações de sociedades tradicionais com a sociedade

ocidental fazendo com que adquiram novo formato ao incorporar elementos da cultura do outro em detrimento à sua. Nos reportamos aqui à representação do “estranho” analisada por Bauman (1998 p. 28-29), na sociedade pós-moderna quando o autor argumenta as estratégias alternativas para a anulação do estranho, uma delas seria a *antropofágica* (grifo do autor) com proposta a abafar as suas distinções culturais ou lingüísticas, proibir-lhe todas as tradições e lealdade e que entendemos ser a condição em que foram submetidos os povos indígenas no Brasil.

Se num passado, não recente, a prática da antropofagia para as populações indígenas se fazia entre outras, sob o desejo de incorporar características positivas do estranho (inclusive protéica) numa atitude de reconhecimento de sua alteridade; ao longo do mesmo passado até o presente, foram transformados em estranhos, numa relação inversa a análise de Bauman, e suas culturas “devoradas”.

A partir da segunda metade do século passado surgem, por todo o globo, lutas de movimentos étnicos que buscam romper a incorporação antropofágica do “estranho” a partir do reconhecimento de suas culturas frente à ocidentalidade. Nesta tendência situa-se o desejo dos professores-narradores Arara e Gavião de verem as culturas próprias resguardadas, de sentirem-se reconhecidos como portadores de modos de vida singulares, não “estranhos”.

Isto fica explícito em suas falas, como a do Professor Claudinei Gavião quando observa que **a vida de antigamente tá viva ainda... não está morta! Continua o tempo de antigamente... é pra explicar aos alunos... pra poder não esquecer nossa cultura. Eu ensino meus alunos a fazer as práticas culturais também... eu ensino é fazer uma flecha... um arco... o velho ensina pros alunos.** Para Claudinei a **vida de antigamente** é a cultura Gavião que **não está morta**, e estando viva é preciso preservá-la. O **não está morta** é troféu a nos exhibir e nos provar (enquanto representante do “branco”³) que apesar das adversidades estão vivos e lutando para manterem seu jeito de ser. Mas, reconhece os perigos que continuam ameaçando esse jeito de ser e traz para si a responsabilidade, como professor, de neutralizar as ameaças quando comenta **é pra explicar os alunos... pra poder não esquecer nossa cultura. Eu ensino meus alunos a fazer as práticas culturais também.**

Admite o que já se perdeu ou se modificou culturalmente: **tem várias danças de antigamente que a gente dança com taboca... mas agora não tem o pajé. Pajé**

³ Termo comum em que os povos indígenas brasileiros se referem a qualquer indivíduo não indígena.

cantava e a gente dançava com ele... mas agora acabou... só na taboca que a gente dança agora. É... não tem mais desse aí não... nosso pajé acabou. O desaparecimento do pajé modificou a festa transformando-a num ritual mutilado, mesmo querendo mostrar que **a vida de antigamente tá viva ainda**, Claudinei Gavião reconhece o que já se perdeu: ... **não tem mais desse aí não.**

Está evidente em suas colocações o conflito, o reconhecimento da perda e a afirmação da ilusão ou quase um (auto)blefe, Claudinei tem consciência do que se modificou, mas insiste em assegurar que **continua o tempo de antigamente.**

Assim como Claudinei, o Professor Josias Gavião reconhece o processo de mudança pelo qual passa a cultura de seu povo, constatando que **a cultura Gavião passa por mudança... é claro que sempre tem uma mudança na coisa né! Não adianta a gente falar que não tem... porque tem. Agora... o povo Gavião hoje... ou pelo menos as pessoas que estão na frente do povo tentam valorizar muito a cultura.** Ele não deixa de mencionar a nova postura do povo e suas lideranças a partir de consciência do que se perdeu.

O Professor Roberto Gavião também demonstra as mesmas preocupações, sendo mais enfático, fala de perda da cultura e não apenas de mudanças: **quando os mais novos saem da aldeia se perde mais a cultura... eles voltam com mania da cidade. Já vem acontecendo isto... por exemplo... quando tem uma festa tradicional o jovem não quer mais é dançar igual a dança deles.** Para ele é o resultado da intensificação do contato com a sociedade envolvente. Suas concepções se diferenciam parcialmente dos demais professores-narradores Gavião, enquanto estes acreditam ser inevitável sua inserção (mesmo que de forma periférica) ao mundo globalizado, sendo por isto necessário lutarem pelo reconhecimento da diferença como garantia de manutenção da cultura própria. Roberto demonstra ainda acreditar no isolamento, percebe o contato, por si só, como uma ameaça ao grupo: **pois no meu ponto de vista acho que tem muita coisa que não é bom fora da aldeia... acho que o índio aprende no mundo do branco.** Então, são necessárias mudanças que para Roberto devem passar pela escola, nesse caminho é preciso uma escola consolidada que assegure a valorização cultural do povo, ao **mencionar que precisa melhorar para ficar uma escola mais fortalecida.** O **ficar mais fortalecida** é cobrança e exigência aos poderes competentes numa atitude contraditória; ao mesmo tempo que parece defender maior isolamento do grupo, demonstra acreditar que a escola é a guardiã da cultura Gavião. Na verdade as

concepções de Roberto são exposições das incertezas que o atingem, assim como tantos outros membros dos dois povos. O que seria melhor ao grupo, o retorno às origens? A adoção do modo de vida não-indígena? A conquista do reconhecimento da diferença e da alteridade do grupo seria mesmo possível?

Todas as indagações sem respostas fazem parte de perguntas centrais como: o que fazer? como agir? e são para Giddens (2002, p. 70) questões comuns a quem vive nas circunstâncias da modernidade tardia e, portanto, não serão respondidas facilmente nem deixarão de estabelecer conflitos (individuais e coletivos) que só poderão ser sanados a partir de ações e atitudes desenvolvidas pelos próprios grupos.

Outro professor-narrador a manifestar preocupação com as mudanças é Célio Arara quando relembra como aprendeu as práticas culturais Arara e compara seu aprendizado às crianças de hoje: **as crianças hoje em dia quase não tá praticando mais isso. Não sei se os pais que não tá incentivando os filhos... não leva pra roça... na hora que vai pescar... caçar... não leva eles.** Em diversos momentos de sua fala critica o modo como as famílias vêm negligenciando a transmissão da cultura Arara. Além do descuido familiar, existem para ele outros “perigos” que se instalaram na comunidade, são as tecnologias ocidentais, principalmente a representada pela televisão. Sobre isto, Célio diz: **a partir desse ano a gente recebeu energia na aldeia... isso é uma coisa que nunca a gente pensava que ia ter...só que... esses dias eu tava reclamando é através da televisão que tá mudando a cultura... tem vez que os alunos passam quase a noite todinha assistindo televisão. No outro dia vai acordar tarde... tem vez que nem vem na aula... porque dormiu... ou chega atrasado. Aí quando vem... pra sala de aula fala só de novela.** Percebendo tais aquisições como ameaça à existência cultural do grupo, encaminha à escola a tarefa de valorização, revitalização e manutenção da cultura: **a gente já vem discutindo isso faz muito tempo. A escola não está ali só pra gente aprender a ler e escrever... a escola também representa pra gente... aprender a cultura... o costume.**

Semelhante às exposições de Roberto, para Célio a manutenção da cultura própria se dará com maior distanciamento da sociedade envolvente ao afirmar que **se a gente sair da aldeia pra estudar na escola do não-índio... vai aprender as coisas boas e as coisas que não é boa também** ou quando denuncia **é através da televisão que tá mudando a cultura.** Desaprova a vida urbana, para ele **esse mundo de ter sempre que estar pagando as coisas... eu acho isso difícil.** Suas concepções se

mostram tanto quanto simplistas e apesar de ver a escola indígena como instrumento à preservação da cultura, não a entende como instrumento de conscientização e sim de segregação como garantia de manutenção da cultura própria. São concepções advindas de sua identidade cultural que para Paul Claval (1999, p. 13) estão ligadas à territorialidade, não deixando-se contaminar por influências exteriores percebidas pelo grupo como ameaça ou como verdadeira mancha a agredir a construção e manutenção das identidades.

Já Moisés Gavião, uma das lideranças tradicionais daquele povo, não há maiores preocupações com perdas ou mudanças radicais nas culturas Arara e Gavião: **mas... eu acho que é assim: ninguém vai perder a cultura do índio... não vai esquecer... Porque é mais fácil você esquecer aquilo que você aprende... não aquilo que já sabe... já tem no coração... no sangue... no sentimento... é mais fácil você desaprender aquilo que aprendeu... não aquilo que você já sabe.** Sua fala parece estar plena de poesia, do sentimento de pertencimento, no entanto, os demais narradores Gavião e Arara, bem como os outros membros dessas etnias demonstram maiores preocupações com a manutenção das culturas próprias justamente por senti-las ameaçadas. Moisés representa aqui o que Claval (2007 p. 102) classifica como estratégia de sociedade de cultura fechada onde seus membros recusam-se a acreditar que mudam e concebem a sociedade como um conjunto estático que sempre se reproduz de maneira idêntica.

Outro ponto que requer análise na ótica da preservação das culturas Arara e Gavião é a importância do mito. Para os narradores Arara ele está muito presente.

Ao contar a história de *Oroxexe*, o Professor Célio informa que **tem muita história que os mais velhos contam... como a do Oroxexe... que era de assombração... isso a gente acredita.** Assim, inicia a narrativa sobre o mito categorizando-o como **história de assombração**, mas afirma: **isso a gente acredita**, conferindo-lhe maior importância que apenas história de assombração. Após narrar o mito conclui que **hoje em dia a maioria do pessoal quase não acredita... mas isso acontecia** e volta a frisar a sua veracidade, que para ele é fato, é real. Célio tem consciência do enfraquecimento do mito frente às novas concepções de mundo adquiridas pós-contato, no entanto continua a acreditar e defender sua veracidade.

Para além das narrativas de Roberto, Moisés e Célio, foram recorrentes, nas entrevistas, os comentários que atestam as modificações culturais sofridas pelas duas

etnia. Mesmo com as mudanças, que asseguram ter ocorrido, são culturas de raízes e conforme M. Santos (2006a p. 327) simbolizam o homem e seu entorno, encarnam “a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e dali obter a continuidade, através da mudança” é também a construção de nova práxis, mais consciente e refletida que admite a mudança e busca ressignificar antigas práticas culturais adequando-as à nova realidade instalada no lugar. No entanto, quando afirmam sua consolidação mostram-se parcial e nostalgicamente desterritorializados, que M. Santos (2006a p. 327) define como estranhamento, é o sentir-se deslocado em seu próprio mundo, percebido na fala do Professor Zacarias Gavião: **a ultima vez que eu participei de uma festa tradicional foi lá na aldeia da Serra da Providência... mas não achei tão interessante porque muita coisa foi modificado. Uso de instrumento do branco... caixa amplificadora... caixa de som... microfone. Então... eu não gostei dessa forma... de ter instrumento... tecnologia misturada.**

As modificações nas culturas Arara e Gavião são fato, quer sejam resultado de sua própria evolução ou da intensificação do contato residindo aí a duplicidade de afirmação de nossos colaboradores: ora afirmam que sua cultura própria está preservada, ora afirmam que tudo mudou. Ao afirmarem sua preservação estão, na verdade, buscando o reconhecimento da diferença enquanto portadores de culturas diferenciadas, procurando garantir a continuidade de dimensões próprias que dão à organização do espaço e sua relação com ele; quando afirmam que tudo mudou, ora o fazem com nostalgia pelo que sentem terem perdido, como o exposto pelo Professor Zacarias, ora o fazem com satisfação pelo que acreditam terem conquistado, a exemplo da Professora Marli Peme Arara: **o casamento Arara era tradicional também... até uns tempos atrás... aqui no I'Târap ainda tinha. Mas foi acabando... porque não adiantava fazer o casamento de uma menina com um homem que ela não queira.** Na expressão da Professora Marli é forte a presença de concepções que direcionam a luta pela igualdade de gênero encampada por movimentos de mulheres da sociedade envolvente onde Marli também milita como representante da mulher indígena. Porém, não é possível estabelecermos aqui semelhanças de conquistas e suas representatividades devido às diferenças culturais.

Em todos os narradores-professores registramos um fato intrigante, para eles a necessidade de valorização e preservação cultural é indiscutível, comentam exercitá-las em suas práticas pedagógicas. Porém, demonstram certa desobrigação pessoal quando

creditam tal responsabilidade à escola e nesses momentos parecem entendê-la como instituição individual, algo personificado que toma decisões e atitudes próprias, excluem-se, então, da responsabilidade que dispensam a ela. Apenas se manifestam como a esperar que por si só essa *escola-indivíduo*, uma entidade com vontade e ação própria vá atendê-los. É comportamento bastante diferenciado do que apresentam em outros momentos e noutros ambientes, tais como as reuniões com a Secretaria de Educação quando mostram a que vieram e o que desejam, ou nos momentos de luta do movimento indígena quando cobram para si a condução do processo de construção da escola diferenciada e intercultural. Nestas situações, seus discursos demonstram clareza e amadurecimento, porém, na aldeia esse compromisso parece recair sobre essa *escola-indivíduo* e não sobre a escola-comunidade e que por sua vez provoca reclamações das comunidades e lideranças em relação ao trabalho do professor, conforme comentou o Cacique Firmino Arara, liderança daquele povo: **eu acho que escola tem que melhorar né! Divulgam aí pra fora... pros brancos... pra eles pensar que o índio tá bonito... mas não tá não... o estudo nosso tá péssimo ainda.**

Por serem oriundos de sociedades tradicionalmente igualitárias, pautadas em manifestações de comportamento comunitário, a atitude do “esperar que alguém faça por mim” seria pouco provável; se houvessem assimilado totalmente a cultura da sociedade do entorno estariam manifestando a valorização da individualidade; uma das possíveis explicações poderia estar na forma de relação desenvolvida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), enquanto órgão tutor que no início dos contatos buscava suprir as comunidades indígenas em suas necessidades, inclusive alimentares. Não se julga aqui o mérito e a intenção do órgão, fato é que em cenário nacional, tal prática criou relações de dependência e passividade dos povos indígenas para com o Poder Público. Isto poderia ser um dos caminhos a esclarecer o comportamento dos professores Arara e Gavião quanto à sua relação com a escola. Relação dúbia, posto que demonstram clareza do modelo de escola que querem, os currículos que devam ser desenvolvidos nela e que cidadão deve formar, além de exigirem ser parte integrante de sua construção.

Considerações Finais

A previsão de desaparecimento dos povos indígenas brasileiros ocasionado por sua integração à sociedade envolvente não se efetivou, pois sua resistência enquanto portadores de culturas singulares e o seu franco aumento populacional percebido em todo país derrubaram as teorias integracionistas que davam como inevitável sua extinção.

Quanto à sua inserção ao mundo globalizado, povoada pelos conflitos e incertezas da modernidade tardia é real, novamente ressaltando Giddens (2002, p. 27), ninguém pode eximir-se das transformações provocadas por ela. Como as demais sociedades classificadas como minoritárias, as populações indígenas brasileiras estão inseridas na modernidade tardia de forma periférica. Na contabilidade das ações e transformações dela advindas recebem muito mais o ônus que o bônus e nesse jogo de resultados se lançam conflituosamente ao mundo de relações globalizadas. Contudo, a própria dialética da globalização é capaz de amenizar os efeitos provocados por ela mesma enquanto fenômeno moderno. Nesse universo de incertezas, conflitos e conquistas surgiram os movimentos indígenas (no Brasil após a década de 1970), ora intensificando suas ações por todo país, ora imergindo em processos paralisantes, ainda assim, buscando o reconhecimento da diferença às sociedades indígenas portadoras de culturas e territórios próprios.

A nosso ver, é neste contexto que se encontram as sociedades Arara e Gavião, participantes de movimentos indígenas regionais, no atual momento em estado de letargia ao acompanhar o período de arrefecimento de lutas observado nos demais movimentos sociais do país. Soma-se a isto o retrocesso na continuidade de políticas públicas estaduais destinadas ao atendimento das populações indígenas, notadamente, as educacionais.

Apesar do arrefecimento da luta, as comunidades Arara e Gavião não deixam de cobrar do poder público, ações que respondam às necessidades entendidas por elas como prementes aos grupos. As cobranças, reivindicações e denúncias são prioritariamente feitas pelo grupo de professores e lideranças, dentre eles todos os nossos colaboradores.

O que percebemos muito nítido, em cada um deles, foram as incertezas nos discursos, ambigüidade nos desejos, incompreensão da realidade que os rodeia

representada pela lógica do capital e contradições da cultura ocidental mergulhada na modernidade tardia. É nesse emaranhado de percepções que podemos observar conflitos como o desejo de apropriação e domínio de saberes e técnicas ocidentais como veículo de empoderamento dos grupos, possíveis geradores de relações equalizadas com a sociedade envolvente, mesclado de manifestação saudosista de isolamento e memórias do período pré-contato lembradas por quem não fez parte dele (os narradores-professores).

Noutros momentos se mostram mais tranqüilos, frente às escolhas já processadas e definidas pelos grupos como o desejo de manutenção das culturas próprias ainda que transformadas; quer resultantes de sua própria evolução, quer advindas da interculturalidade; a necessidade de reconhecimento da diferença enquanto portadores de identidade cultural próprias e o orgulho de pertencimento étnico.

Nossos colaboradores, no entanto, não deixam de demonstrar conflitos existenciais e que podemos afirmar serem coletivos: dificuldades de entender a dinâmica do mundo que os rodeia e as incertezas instaladas pela modernidade tardia que em sociedades minoritárias e de cultura própria se manifestam com maior evidência. As nuances de sua inserção no mundo globalizado causam preocupações que ainda não estão sendo satisfatoriamente discutidas e pensadas de forma a encontrar equilíbrios.

É condição de sobrevivência, para comunidades indígenas, integrarem essa nova realidade sendo reconhecidos como portadores de culturas próprias. Diante disto se tornaria ultrapassada qualquer análise dos grupos Arara e Gavião pautada somente nas teorias do contato; nossos narradores não querem mais ser vistos e reconhecidos como “*coitadinhos fadados ao desaparecimento*”.

Seus desejos e buscas se explicam devido à inserção na modernidade enquanto agentes da sociedade globalizada, ainda que despreparados para ele, portanto, uma inserção repleta de diferentes conflitos, aqui já comentados. A busca do equilíbrio deve ser a própria caminhada social de cada povo, testando diferentes formas de estabelecê-lo.

Na fala de cada narrador, o equilíbrio estaria na permanência dos grupos enquanto sociedade etnicamente diferenciada e em convívio com a apropriação dos saberes e técnicas ocidentais que lhes permitam a melhoria da qualidade de vida.

À todas percepções repletas de desejos, carregadas de esperanças e desassossegos, creditam suas soluções à escola. Em cada uma das falas a escola aparece

como provedora de soluções que ultrapassam sua real competência junto às comunidades, apesar de estar sendo construída de forma participativa, em diversos momentos parecem personificá-la delegando a ela poderes e decisões próprias.

Seu real papel é de fato promover, junto às comunidades Arara e Gavião condições para que efetivem relações mais equilibradas com a sociedade do entorno, a partir de tomada de consciência dos grupos sobre a importância de se apropriarem dos conhecimentos ocidentais, valorizarem as culturas próprias, manterem algumas de suas práticas tradicionais, ressignificando outras em virtude de sua atual conformação territorial e serem reconhecidos como povos etnicamente diferenciados, não inferiores.

A escola tem provocado o debate com discussões que são bases para uma construção pautada na experiência de autoria, porém quando a análise se dá sob o ponto de vista de sua inserção na modernidade, a escola dos povos Arara e Gavião mostra algumas lacunas: está claro na consciência de nossos narradores, evidenciados por seus discursos, o desejo das conquistas e do reconhecimento da diferença. Não há, porém, evidência da consciência de responsabilidades que acompanham tais conquistas, eis a maior lacuna que a escola não tem trazido ao debate.

Há tempos todas estas questões, aqui elementos de análise, vêm sendo debatidas nas escolas Arara e Gavião, porém o processo parece se apresentar fragmentado, cada uma delas está sendo debatida de forma desvinculada, por ainda não existir currículos próprios estabelecidos que possam conduzir o processo de aprendizagem contemplando-as todas de maneira integrada.

Isto esclarece porque nossos colaboradores ora defendam as benesses do mundo ocidental, ora as repudiam. Zacarias demonstra essa dualidade de concepções quando no início de sua narrativa afirma os conflitos do contato **aqui a gente não tem mais sossego... Não tinha preocupação de aprender a manejar os recursos... de lidar com as tecnologias que estão chegando para nós... antigamente não tinha nada disso... a gente vivia um período muito bom**, e no final dela cobra do Poder Público mais acesso às técnicas da sociedade globalizada: **a gente quer ser contemplado com as tecnologia... com maquinário... pra poder aprender as técnicas. Pra nós mesmo aprender a produzir... tem que ter pessoas que ensinam como se produzir mais nesse período de hoje**. Outros colaboradores, além de Zacarias têm discursos semelhantes, dentre outros motivos, entendemos serem resultados dessa fragmentação

nas discussões que a escola tem gerado ocasionada, principalmente, pela ausência de currículos próprios.

No entanto, é preciso registrar que a escola indígena Arara e Gavião é, seguramente, mais democrática que as escolas da sociedade envolvente, as comunidades indígenas têm participado ativamente de seu processo de construção, discutindo e definindo as linhas de aprendizagem a partir das necessidades específicas de cada grupo. Eis uma situação positiva, embora muito ainda se tenha a discutir, a planejar e a conquistar. Deve continuar trilhando estes caminhos, ainda que seja urgente a necessidade de separar e esclarecer qual é o seu papel como apoio na sustentação do modo de vida particular de cada etnia, principalmente a partir da construção de currículos que garantam ensino de qualidade e de acordo com as necessidades e desejos específicos a cada povo.

As comunidades Arara e Gavião precisam compreender que a escola não vai trazer soluções prontas aos problemas que os afligem, ela pode e deve (este é seu papel), ser espaço de discussões, acolher contradições e gerar o debate para que a partir dele cada povo possa construir caminhos que os levem as resoluções de questões que os atingem. Somente assim poderão assegurar a autonomia que perseguem, a posse sem ameaças do território, a preservação das culturas próprias com as ressignificações que entenderem necessárias, de suas práticas tradicionais. Enfim, consolidar seus espaços de vivência onde possam ser senhores de seu presente e de seu futuro, através do controle de todas as atividades socioculturais, econômicas e religiosas em que estiverem inseridos.

Neste sentido, a escola na Terra Indígena Igarapé Lourdes muito tem ainda a caminhar até que se consolide com a “cara do povo Arara” e o “jeito de ser Gavião”, (MINDLIN, 2001).

Por fim é importante registrar que a pesquisa detectou outras necessidades de estudos contínuos junto a esses povos como forma contribuir com possíveis soluções aos problemas que os afligem e também de proporcionar, dentro da academia, espaços para discussões e reflexões sobre as diversas questões relacionadas aos povos Arara e Gavião e às demais populações indígenas de Rondônia. Mais que isso, é necessário e urgente que a academia acolha tais populações não apenas como objeto de estudo, mas como produtores de conhecimento.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CLAVAL, Paul. **O território na transição da pós-modernidade**. In: GEOgrafia ano I, n. 2. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em www.uff.br/geographia/reve_02 (pdf), acesso em 03/11/2007.

_____. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.

GIDDEN, Antony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo. Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LEONEL Jr., Mauro de Mello. **Relatório de Avaliação da Situação dos Gavião (Digüt) – P.I. Lourdes**. São Paulo: FIPE, SUDECO, nov.1983. (datil.)

LOVALD, Lars e FORSETH, Elizabeth. **Relatório sobre o trabalho de campo antropológico na Área Indígena Igarapé Lourdes, UHE Ji-Paraná à FUNAI**. Ji-Paraná-RO, 1988. (datil.)

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MINDLIN Betty e narradores indígenas. **Couro dos Espíritos: namoro, pajés e cura entre os índios Gavião-Ikolen de Rondônia**. São Paulão: Editora SENAC, 2001.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006a.